

## Grammostola iheringi

Retorno do serviço, estou cansado;  
passara o tempo em esgotantes lidas,  
mil encontros, reuniões, idas e vindas  
em razão de pessoas, autos e sucessos,  
em audiências por jurídicos processos,  
como é próprio de qualquer promotor  
que exerça o mister com coração, amor,  
para que veja, enfim, o direito realizado.

Chegado, porém, o final do dia,  
os do Ministério Público, satisfeitos,  
procuram lenitivo do seu modo e jeito,  
o recarrego das baterias a contento,  
repousando, se entretendo no seu canto  
ou, se o preferir, em campo aberto;  
eu não poderia agir diferente, decerto  
e, de chegar em casa, a hora não via.

Já no lar, procedo à minha maneira:  
cercado dos amados, os beijo, abraço;  
novidades ditas e ouvidas, busco espaço  
para o vespertino e merecido descanso;  
nossa saleta, aconchegante, logo alcanço;  
da luz solar, a essa altura, pouco resta,  
mas, busco o brilho que vem da fenestra  
e, o suave conforto da espreguiçadeira.

Todo lar amado, espanta azedumes;  
o meu é bem situado, em local seguro;  
com nossos vizinhos, sobre os muros,  
qual família, alegremente, proseamos;  
amo essa moradia, onde vivo há anos,  
como aprecio, em derredor, nosso jardim,  
com rosas e hibiscos, dalias e jasmims,  
ali aromando o ar com seus perfumes.

.....

Enquanto assim cismo, de inopino,  
 terrível pressentimento me abraça;  
 medonho ser me observa, me ameaça,  
 como algo demoníaco, horripilante;  
 pelos do meu corpo se eriçam, alarmantes  
 e, é toda legítima a intuição que tenho;  
 não o vi ainda, mas, no espírito desenho  
 que pretende dar-me um cruel destino.

Minha reação é automática e pronta,  
 para uma parede me volto, por instinto;  
 enorme aranha ingressara no recinto;  
 de insetos, lagartixas andava à caça  
 e, vendo-me, agitou-a minha presença;  
 por certo, sentiu-se por mim ameaçada;  
 antes que a mirasse, não fizera nada,  
 mas, agora, para o ataque se apronta.

.....  
 Ser medonho? Nada! Vejo claramente!  
 É uma Grammostola iheringi, imensa, bela!  
 Não deixo de admirar a formosura dela:  
 pernas segmentadas, quais dedos grossos,  
 sustentando o cefalotórax colosso;  
 os palpos ágeis, as quelíceras aguçadas,  
 um ser que mata e come, forte e ousada,  
 até pequenos vertebrados, facilmente.

Examiná-la, até posso, na verdade,  
 negra, com o abdômen avermelhado;  
 animal que Keyserling, apaixonado,  
 em noventa e um, a classificando,  
 honrara a Ihering, seu nome lhe dando  
 - Herrmann? Rodolpho? Será qual? -  
 Como estrela de oito pontas, sem igual,  
 a vejo aberta, esparramada na parede.

.....  
 Mas, salta ao chão, em surdo baque  
 e, em minha direção corre, decidida;  
 curta é a distância, a fuga é impedida,  
 porque tolhe-me o escapar o seu trajeto;  
 é ligeira, num átimo, estará bem perto,  
 o suficiente para ferir-me o pé descalço;  
 me vejo desarmado, nada por ali alcanço  
 com que possa deter o seu ataque.

Apesar da fúria com que vem,  
recupero, todavia, minha calma;  
não é um demo que ameaça a alma,  
mas, uma caranguejeira mordedora;  
se me ferir, não será uma salmoura,  
que me curará de picada tão doída...  
E, prossegue o animal na arremetida,  
pois, covardia, esse bicho não tem.

Enfim, aranha das mais indóceis,  
corre a me picar, sem mais conversa;  
talvez que, em circunstância diversa,  
até me respeitasse, a caranguejeira,  
se lhe explicasse, de alguma maneira,  
que compartilhamos iheringuanos trilhos;  
estimo aos dois cientistas, o pai e o filho,  
como eles, amo animais, vivos ou fósseis.

Que, como todo jurista, sou ligado  
ao avô e pai deles, muito exaltando  
ao Rudolf von Ihering e apreciando  
suas sensatas e muito jurídicas lições,  
o seu saber, que fertilizou gerações  
de promotores, advogados e juízes;  
que, dele, recebemos tantas luzes  
já no tempo acadêmico, no passado.

Poderíamos amizade ir ensaiando,  
no amor, ela e eu sermos atados;  
sei que tais animais, domesticados,  
convivem nos lares, pacificamente;  
não vivem por aí, em prática mordente,  
só o fazendo na sua própria defesa;  
no mais, vivem segundo a natureza,  
só animaizinhos picando e devorando.

Dr. Rodolpho von Ihering, biologista,  
no seu Dicionário dos Animais do Brasil,  
pelas entrevistas que fez, pelo que viu,  
das caranguejeiras diz que, na verdade,  
não fazem elas grande estrago à saúde  
e, creio em seu saber, sério e abalizado,  
como no de seu pai, cientista festejado  
e, no seu homônimo avô, insigne jurista.

Outro que defendeu tal criatura,  
 num escrito muito bem fundamentado,  
 foi Eurico Santos, que deixou assentado  
 no O Mundo dos Artrópodes, veemente  
 que, ao contrário do que diz a gente,  
 o veneno dessa aranha é quase nada;  
 dá dor forte e dormência prolongada,  
 pode até deprimir, mas, em dias cura.

Enfim, da picadura a experiência,  
 não convida, decerto, à repetição;  
 talvez, quem já passou por tal lição,  
 tenha nisso ganho bilhete premiado;  
 diz-se, bater as botas, restar aleijado  
 pode, mesmo, ser o destino do infeliz;  
 assim, melhor é não meter o nariz  
 apenas porque as defende a ciência.

.....

Pela mentalidade vinda do passado  
 se poderia rir ante o conto, impagável,  
 de Wilhelm Busch, criador admirável,  
 em que Max e Moritz, sem coração  
 (os Juca e Chico, em lusa tradução),  
 com besouros um saco enchendo,  
 só por maldade, o foram metendo  
 nas cobertas da cama de um coitado.

Quando o tal se deitou, foi um tedú:  
 os insetos acharam de bom gosto  
 fazer o curso no seu peito e rosto;  
 verdade, para o caso, não ferravam,  
 mas, suas pernas, onde elas roçavam,  
 deixava a vítima arranhada e aturdida...  
 Caiu sobre os insetos, fulo da vida,  
 indo os coleópteros para o bebeléu.

Hoje, seria impensável aplaudir  
 a qualquer herói da historieta:  
 aos guris, que no mal só viam festa,  
 ou ao pobre dorminhoco e inocente  
 que, desbarata aos besouros, valente,  
 à custa de tabefes, travesseiradas,  
 ainda que na total e justificada  
 defesa do santo direito de dormir.

Naqueles tempos mais antigos,  
do valor dos bichos, pouco se sabia;  
não havia a ciência da Ecologia  
e, se vivia, então, barbaramente.  
Hoje, se tem mais aberta a mente  
e, qualquer garoto prega o grito  
em defesa do mais mísero mosquito  
e o recolhe e protege como um amigo.

.....

Por outro lado, estou em meu lar;  
é minha toca, abrigo inviolável;  
me banhava ao sol, mui confortável,  
intramuros, sem molestar a ninguém  
e, de inopino, esse animal vem  
e entra, sem convite, em meu recinto;  
ela é perigosa e eu muito sinto,  
mas, tenho direito de a confrontar.

Direito! Mais que isto! Necessidade!  
E, é claro, mesmo o meu dever;  
deixar-me por ela, assim, morder,  
seria pôr em risco minha família;  
ninguém neste mundo é uma ilha  
e, há que se pensar nos seus amados;  
e, vem ela com seus ferrões armados,  
sobre mim, avança em velocidade.

Estou sob o ataque da aranha;  
ensinam os mestres do Direito,  
se deve à vida e saúde o respeito  
e, contra agressão atual ou iminente,  
o defender-se compete a toda gente  
e, por meios necessários, moderados,  
pode o atacante ser na ação parado;  
tal proteção legal, a vítima ganha.

Todo ser vivo, na verdade, insiste  
em, metafisicamente, perdurar,  
viver para sempre, nunca se acabar,  
deixar prole grande, largar sementes;  
só a eternidade deixará contente  
o ente que, temendo a própria morte,  
quer prolongar no máximo sua sorte,  
superar, enfim, os físicos limites.

Na já bem antiga Teologia Moral  
 que o bom Pe. Boulanger ensinava,  
 a Igreja Católica, firme, sustentava  
 o sacro direito da legítima defesa  
 e isto, ante um Júri, é uma beleza  
 para um advogado em seu papel,  
 o de inocentar a um assassino réu  
 que, matando, salvou-se do mal.

.....

Na vida da aranha, tudo se entrelaça  
 se é das que tecem, tem fiandeiras;  
 o fazer sua teia é qual brincadeira  
 e, dentro dela, tem moradia, casa;  
 escondida, os olhos em brasa,  
 com paciência natural espera;  
 agitado um fio, lá se vai a fera,  
 sobre o bicho infeliz que caça.

Mas, caranguejeiras, são perigosas  
 Porque são, pelo mundo, ambulantes;  
 levam o viver de nômades errantes,  
 por matos ou campos, pedrarias indo;  
 invadindo plantações, muros subindo,  
 podendo ferir o lavrador, o morador  
 e, nem mesmo o mais rico doutor,  
 qualquer isenção de seus ferrões goza.

Perante tal ser que, de ataques gosta,  
 não careço de holística consideração;  
 com sistêmico universo a sintonização  
 está perdida e, por agora, eu enfrento  
     esse exemplar de aranha, mui portentoso  
 e o qual, contra mim, corre apressada;  
 não necessito de filosofar mais nada,  
 só careço, mesmo, é dar-lhe um basta.

Por vezes, é duro o nosso coração  
 e, vive em cada qual um visigodo,  
 um bárbaro violento e aguerrido;  
 o ideal ecológico, tão somente  
 não mata, em nós, o desejo ardente  
 de, por algum modo, fazer estrago  
 e, tenho, no caso, que me decidir logo,  
 pois, vem o inimigo em aproximação.

Num relâmpago raciocino, enfim,  
como me sentiria se a matasse?  
Essa aranha, pôs-me num impasse  
quando, também, cortou-me a retirada;  
agora, era eu ou ela... e mais nada;  
das duas realidades, uma restaria ferida.  
Pensei, então, no A Teia da Vida...  
O quê Fritjof Capra pensaria de mim?

Mas, como Peri, por aimorés perseguido,  
num romance de Alencar, movimentado,  
na bela Serra dos Órgãos ambientado,  
foi defendendo Ceci em meio à desgraça,  
assim, eu me preparo para a luta, na raça;  
que venha a aranha, como ela o quiser;  
a receberei com a força de um Paquequer,  
num seu dia de enchente, embrutecido.

De fato, já não me sinto desarmado,  
ante o fero atacante e seu veneno;  
no calor do salseiro, me torno sereno  
e, com os olhos algum recurso busco;  
na própria defesa, cada qual é brusco  
como um selvagem, brandindo tacape;  
o paradigma de Peri é repelir o ataque  
e, para isto estar adrede preparado.

Que venha! Até o agente mais sereno  
do Ministério Público, é um valente,  
selecionado dentre corajosa gente  
e, tendo o coração de um mosqueteiro;  
à causa da Justiça serve por inteiro,  
com a arte e força da palavra afiada,  
mas, de Têmis, se preciso, a espada,  
estando um adversário no terreno.

Oh! pobre aranha, que vem na ilusão,  
fraqueza em mim crendo, confiada;  
não pode prever minha reação ousada,  
pois, ignora que vivo poderoso élan  
bergsoniano e que, mesmo, eu sou fã  
de, se preciso, essa boa briga sustentar,  
pela própria defesa, como a de meu lar,  
por modo de pensar, regra da profissão.

Mais ainda, a atacante se aproxima  
e, de espantá-la, tenho a inspiração;  
a única coisa que me resta à mão  
é uma pilha de livros, sobre a mesa;  
não são armas, por própria natureza,  
porém, de defesa levado pelo instinto,  
com eles, abro a contenda no recinto:  
atiro-lhe os volumes mais de cima.

Por primeiro, jogo rumo ao animal,  
em sacrifício que exigiu esforço meu,  
de Yuval Harari o seu Homo Deus,  
respeitável exemplar, grosso de fato;  
cai perto a aranha, com espalhafato,  
rompe-se a brochura, no trambolhão,  
folhas soltas esparramam-se pelo chão,  
mas, de parar, não faz o bicho sinal.

Em tal meu desiderato insistindo  
e, preocupado com a arremetida,  
tomo do A Visão Sistêmica da Vida  
e, atiro-o firme na sua direção,  
porém, nem tal fruto da cooperação  
de Pier Luisi com Fritjof Capra  
- seiscentas laudas, de capa a capa -,  
detém a aranha, que está vindo.

Sem qualquer comoção, o aracnídeo,  
prosegue contra mim, em forte embalo;  
galopeia, veloz, como um cavalo  
e, não traz a piedade no semblante;  
avança mui feroz, toda valente,  
parecendo ofendida em seu decoro;  
jogar-lhe livros, julgara um desaforo  
e quer, agora, o meu homicídio.

Atiro-lhe ainda outro, na sequência,  
sem ver-lhe o título; volume pequeno,  
penso, deverá ser de um efeito ameno,  
nem ferindo e nem detendo ao inimigo;  
o frágil, porém, pode ser o melhor amigo  
e, meu socorro vem, de modo inesperado,  
pois, o simples livreto, assim, arremessado,  
me parece, agiu como se tendo consciência.



Deu doidas piruetas e, mui certo,  
como que para ganhar mais força, peso,  
imbica rumo à aranha e, agudo e teso,  
dá-lhe com a aresta na cabeça, rijo e forte  
e, é o que basta para causar-lhe a morte  
que, não fora encomendada ou desejada,  
porém, talvez, a solução mais acertada  
para deixar-me escapar, ileso e inteiro.

.....

Coisa triste é a natureza morta,  
inerte, parada, planta ou bicho;  
a vida é uma riqueza, é um luxo,  
é afirmação da divina existência,  
é a vã matéria sendo residência  
de algo maior, que extrapola, anima;  
cada qual ser vivo possui sua alma,  
animal ou vegetal, isso não importa.

E, vejo agora no chão, estatelada,  
aquela magnífica caranguejeira  
que, há momentos corria, tão faceira,  
por matos e jardins, muros e casas;  
sua morte é uma tragédia e me arrasa;  
as pernas, encolhidas como ganchos,  
seu todo são restolhos, são garranchos,  
pálida imagem do que fora em vida.

Oh, como me sinto um primitivo!  
Como me repugna, o ser violento!  
Fosse tudo em um ritmo mais lento,  
teria eu, do meu recinto, então saído;  
pudesse o tempo ser interrompido  
e teria eu, bem melhor, raciocinado;  
a aranha e eu, fomos doidos afobados...  
ela, instintiva... eu, muito impulsivo.

Dolorosa é a visão da aranha morta,  
condição que causa tristeza, gera dor;  
agora, apenas me resta a ela depor  
lá fora, no matagal, a vida extinta;  
minha mão toma da pazinha e a junta  
e, com o infeliz aracnídeo destruído,  
em fúnebre marcha, o coração pesado,  
busco o rumo lá de fora, varando portas.

.....

Depois, fui ver o que lhe dera morte:  
aquele exemplar, humilde, estreito,  
era o magnífico A Luta pelo Direito,  
do Rudolf von Ihering, afamado,  
pai e avô dos que, ao aracnídeo citado,  
haviam estudado em zoológicas lidas,  
por uma estranha fatalidade da vida,  
por misteriosa coincidência da sorte.

.....

Decidi o que farei, quanto a mim:  
na moradia, para logo, porei telas  
que lhe vedarão todas as janelas,  
às aranhas, em paz, deixando agora;  
da que foi morta espero que, lá fora,  
estejam correndo, livres, seus filhotes,  
caçando pelo chão, limpando os lotes  
das pragas que infestam nosso jardim.

.....

Morta a aranha, cismo sobre o evento,  
esticado na minha espreguiçadeira...  
Não fora eu, antes, nesta cadeira,  
seria, talvez, alguém querido, amado?  
Não teria sido, então, ele o vitimado?  
O quê Fritjof Capra, hoje, teria feito,  
tivesse a aranha o atacado de tal jeito?  
E, me demoro em tais pensamentos.

Do A Teia da Vida o nobre autor,  
um choque de paradigmas aqui veria?  
O cientista de Berkeley acaso teria,  
no menos, em sublime reverência  
a seu novo e belo conceito de ciência,  
tivesse a ele vindo a aranha atacar,  
em sublime sacrifício se deixado picar,  
por nosso Universo tomado de amor?

Não pretendo negar, em tal partida,  
eu agi como um fenomenologista;  
sustentei o meu *Dasein* heideggerista,  
pois, meu *Ser-ai* é só compreendido,  
conforme reajo ante o real, o vivido;  
a defesa do meu ser, fez-me verdade;  
me alegra a existência e a integridade,  
tenho um imenso prazer na sobrevida.

Mas, Heidegger, o imagino meio tonto,  
 num cismar paradoxal, meio perdido,  
 filosofando pelos fatos já ocorridos,  
 à própria realidade não dando tenência,  
 absorto, na sua germânica paciência,  
 dentre o *Sein* e o *Dasein*, nas caladas...  
 Por certo, levaria o tal muitas picadas,  
 até que de uma aranha tomasse tento.

Que fariam Sartre ou Beauvoir, pergunto,  
 estando ele ou ela em minha condição?  
 Aproveitariam, no momento, ocasião  
 para se deixarem ferir tão gravemente,  
 como experiência existencial ardente  
 ou, em modo de fervoroso manifesto  
 em favor dos aracnídeos, dos insetos,  
 aceitando o risco de ficarem defuntos?

Que nada! A essa dupla de pensadores  
 que, no luxo de Paris tinham as vistas,  
 vivendo horas nos Cafés existencialistas,  
 de angústias, bastaram-lhes as da guerra;  
 clamaram, depois, por delícias da terra,  
 sem qualquer sacrifício maior, longo;  
 mesmo a picada de simples pernilongo,  
 os faria consumir-se em fundas dores.

Porém, deixo para lá o existencialismo  
 que, neste mundo, não mais se destaca  
 e, aos socialistas para quem, nas tocas,  
 não vale a formiga; o formigueiro contaria.  
 Aranhas? Milhões delas Sartre mataria,  
 pois, lutando contra íntimos escrúpulos,  
 topou justificar os assassinios múltiplos  
 de gente inocente, em prol do marxismo.

.....

O tempo passará... deixarei este mundo  
 e, encontrarei um homem de negro trajado,  
 um jesuíta bondoso e bem apessoado;  
 alto e magro, o rosto inteligente, enfim...  
 Verei que o Pe. Pierre Teilhard de Chardin,  
 me aguarda ao longe, para o trânsito final...  
 Irá então me mostrando, numa Visão Global,  
 num Ponto do Universo, tudo convergindo.

Sorridente, me apontará, em reverência,  
o Cristo Ômega, o Logos e Chamariz  
de todos e de tudo o que Ele próprio fez,  
quasares e constelações, planetas, luas,  
universos, rochas, águas, planícies nuas  
tórridas ou gélidas e, a Vida, enfim,  
fenômeno único que faz, de ti, de mim  
ou de um verme, sede de consciência.

A Grammostola iheringi, com amor  
reverei e, aos mais bichinhos que matei,  
mas, também, aos que salvei, que amei;  
também, familiares, amigos queridos;  
cães e gatos, lembrados ou esquecidos;  
quem por mim se doou, por quem me doei,  
porque, o destino de todos os seres, bem o sei,  
é um mergulho na essência do Verbo Criador.

.....

À espreguiçadeira torno, inteiro e bem;  
qual, no conto de Busch, o inocente  
personagem, cheguei à casa, contente;  
como o tal, tive o íntimo espaço violado:  
ele, por besouros; eu, por aranha ocupado;  
nos defendemos, segundo a Mãe Natureza:  
ele, com objetos do quarto; eu, livros na mesa...  
Fizemos o certo, restamos salvos! Amém!

.....